

## PRINCESA KEVIN: UMA LEITURA LITERÁRIA EM DIÁLOGO COM AS QUESTÕES DE GÊNERO

*PRINCESA KEVIN: A LITERARY READING IN DIALOGUE WITH  
GENDER ISSUES*

*Leticia KONDO<sup>1</sup>*

*Cyntia Graziella Guizelim Simões GIROTTO<sup>2</sup>*

**Resumo:** A literatura infantil é capaz de desvelar mundos aos pequenos e colocá-los em contato com o mais profundamente humano. Reconhecer o valor dos enunciados verbais e visuais presentes nas obras literárias e promover espaços para que a leitura possa ser um verdadeiro encontro de vozes, promotora das pluralidades de sujeitos, é essencial para a educação emancipadora, ou seja, aquela preocupada com a formação de homens e mulheres capazes de transpor padrões de sujeição. Deste modo, o presente texto busca estabelecer um diálogo entre as questões de gênero, a forma como o mundo está organizado pelos padrões patriarcais, e a obra literária ilustrada *Princesa Kevin*. Para tanto, foram recuperadas categorias da filosofia da linguagem propostas pelos russos Bakhtin e Volóchinov com o intuito sustentar teoricamente o campo da dialogia.

**Palavras-Chave:** Educação emancipadora. Gênero. Dialogia.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, FFC (2022). Possui graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, FCL (2014). Trabalha como professora de língua Inglesa na rede municipal de Marília. E-mail: [leticiakondo\\_k@hotmail.com](mailto:leticiakondo_k@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5665-2900>.

<sup>2</sup> Livre-docente em Leitura e Escrita pela Universidade Estadual Paulista (2016). Pós-doutorado em Leitura e Literatura Infantil pela Universidade de Passo Fundo (2015). Doutora em Educação pela Unesp (1999). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1995). Pedagoga pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Marília (1992). Desde 2000 é professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Marília, junto ao Departamento de Didática. Compõe, na mesma unidade universitária, o quadro de orientadores do programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: [cynthiaunespmarilia@gmail.com](mailto:cynthiaunespmarilia@gmail.com). ORCID:

## INTRODUÇÃO

Ao nascermos, somos encharcados por palavras, imagens e seus significados. O mundo que conhecemos hoje e a cultura na qual estamos inseridos, desde nossa chegada, só existem graças ao uso que nós, os *sapiens*, demos à linguagem. Isto é, são as diferentes formas de expressão usadas para manifestar nossos sentimentos e desejos que impulsionaram e continuam a impulsionar uma cultura própria, a cultura humana.

O peso das palavras está sempre condicionado ao seu contexto de uso, assim todo enunciado verbal carrega uma condição extraverbal:

(...) a palavra na vida não é autossuficiente. Ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estrita com ela. Mais do que isso, a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido. (Volóchinov, 2019, p.117)

Quando Volóchinov estabelece a relação entre palavra e vida, relação extraverbal, somos provocados a refletir sobre: “Quem está proferindo o enunciado?”, “Em que época isso está sendo proferido?” e “Em que lugar tais palavras foram ditas?”. Logo, o valor do enunciado “Após 4 anos imersos em um governo fascista, o Brasil pode voltar a respirar democracia” só tem seu sentido completo ao situá-lo na vida, ou seja, ao identificar como ser falante por trás das palavras uma professora brasileira vivendo o início do ano de 2023. Em qualquer outro cronotopo – relação tempo/espaço – e expresso por outros lábios o mesmo enunciado ganha uma nova vida, um novo significado: todo enunciado é único e irrepetível.

Bakhtin (2011) enfatiza nossa responsabilidade perante o mundo: expressar nosso “projeto de dizer”. É necessário – é reponsabilidade – de cada falante expor sua palavra, pois, se a cada novo sujeito, inserido em um contexto específico, nasce um enunciado inédito, é inaceitável esperar que o Outro enuncie aquilo que só Eu, em meu lugar único de existência, posso dizer.

Conforme as palavras do meu projeto de dizer começam a circular, elas entram em movimento contínuo de renovação, isto é, recebem vida nova por meio da

compreensão de outros seres ouvintes e falantes, banham-se de novos signos para, assim, suscitarem enunciados outros, segundo Bakhtin:

O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada de alternância dos sujeitos do discurso (...). (p.275)

Minha forma de ler o mundo atinge o Outro, este a recebe e tem por responsabilidade – ato responsável – transformá-la em novos enunciados capazes de prosseguir com o grande diálogo – sempre inconcluso – humano. Portanto, é a partir das relações sociais – interações – que ocorrem as transformações. São por meio das trocas entre Eu/Outro, ou seja, da alteridade, que os sujeitos se constituem:

(...) pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões e dizeres. A alteridade é fundamento da identidade. (GEGe, 2013, p.13)

Ainda que não tenhamos total consciência acerca do processo de alteridade, somos sujeitos responsáveis por movimentar o mundo. Cada palavra, imagem, gesto, omissão e ação nos fazem caminhar, isto é, afetamos e somos afetados pelas relações estabelecidas. Deste modo, as diversas manifestações de arte configuram nossa visão acerca dos acontecimentos, elas são reproduções de ideologias, anseios e medos, não podendo, de forma alguma, se desprender do social: “O mundo não está de um lado e a arte, de outro. Tudo está junto, porque estamos imersos no social. Toda consciência é consciência de mundo” (Andruetto, 2012, p. 121).

Tendo em vista nossa responsabilidade – no lugar de sujeitos únicos – em promover atos da cultura humana capazes de despertar mais amorosidade, é necessário que estejamos atentos ao tipo de produções artísticas sendo consumidas e quais ofertamos aos nossos pares. Deste modo, proponho-me no tópico seguinte a ampliar as discussões acerca do projeto de dizer e alteridade por meio de reflexões sobre a questão dos gêneros para, em seguida, prosseguir com a exploração dos enunciados verbais e visuais presentes

na obra *Princesa Kevin*, com vistas a refletir o lugar ocupado pelas questões de gênero no livro literário infantil.

## DIÁLOGOS COM AS QUESTÕES DE GÊNERO

(...) o discurso de ódio constitui seu destinatário no momento do enunciado; ele não descreve uma injúria ou tem uma injúria como consequência; ele é, no próprio proferimento desse discurso, a performatização da própria injúria, em que a injúria é entendida como uma subordinação social. (Butler, 2021, n.p.)

Com base nas palavras de Judith Butler, epígrafe acima, direcionamos nossos olhares à forma mais desumana de uso das palavras, a um tipo de enunciado promotor de atos de violência e condenação. O “discurso de ódio” é fonte de sustento para grupos extremistas, estes apoiam-se na chamada “liberdade de expressão” para insultar, intimidar e desmoralizar segmentos por seu gênero, religião, cor ou orientação sexual.

Em uma sociedade historicamente marcada pelo poder do patriarcado do homem branco cisgênero, sujeito que carrega os signos de poder, qualquer tipo de movimento subversivo aos valores impostos por este grupo é visto como uma ameaça ao sistema imposto e, portanto, precisa ser aniquilado. A voz monológica e excludente tem por objetivo destruir as possibilidades de diálogo, pois não há diálogo sem troca e, conseqüentemente, sem mudança de pensamento: a classe marginalizada une-se para combater o sistema de supremacia.

Quando analisamos a condição homem/mulher dentro da sociedade patriarcal, percebemos um sistema de dupla movimentação: além de ser dominada socialmente pelo homem, a mulher vivencia uma condição de exploração econômica. Saffioti (1987, p.51) discorre acerca de tal condição

Tanto a dona-de-casa, que deve trazer a residência segundo o gosto do marido, quanto a trabalhadora assalariada, que acumula duas jornadas de trabalho, são objeto de exploração do homem, no plano da família. Na qualidade de trabalhadora discriminada, obrigada a aceitar menores salários, a mulher é, no plano mais geral da sociedade, alvo da exploração do empresário capitalista. Desta sorte, fica patente a dupla dimensão do patriarcado: a dominação e a exploração.

Assim, assistimos ao advento do sistema capitalista, este se serve da dominação e exploração acima referidas para conseguir triunfar e continuar a propagar divisão de classe, gênero e raça. No entanto, em troca da dominação e exploração, o homem patriarca precisa pagar um preço alto: “(...) os homens se deixam amputar na dimensão mais prazerosa da vida: a troca afetiva, transmitindo aos filhos a mesma forma de agir” (Saffioti, 1987, p.63).

A imagem estereotipada de machões fortes e seguros de si mesmos é propagada de geração em geração. Filhos ouvem dos pais que não podem demonstrar afeto exacerbado, estão proibidos de chorar – chorar é coisa para mulherzinha – e precisam ter apreço por jogos e brincadeiras de homem: jamais demonstrar interesse por bonecas e habilidades manuais relacionadas aos afazeres domésticos – cuidar da casa é papel da mulher!

Fortalecidos pela dominação do patriarcado do macho branco cisgênero, os grupos intolerantes e, conforme já mencionado, extremistas estimulam a propagação da divisão binária de gêneros, na qual pessoas do sexo masculino têm o dever de consolidar o papel de macho dominador, isto é, aquele que em nome de ser o provedor da família e reprodutor dos “bons costumes” aceita sua própria castração: “O homem será considerado macho na medida em que for capaz de disfarçar, inibir, sufocar seus sentimentos” (Saffioti, 1987, p.25).

No entanto, sabemos que tais grupos não apenas estimulam a propagação por meio de discursos, eles, também, encorajam atos de violência física como forma de punição aos sujeitos que “ousam” transgredir a norma padrão do macho branco. Assim, os casos crescentes de homofobia representam a ascensão de uma sociedade inspirada pela intolerância: sujeitos incapazes de vivenciar a alteridade, sujeitos cujo projeto de dizer alicia de forma autoritária um mundo monológico, isto é, o extermínio de diferentes vozes, em busca da validação de apenas uma voz.

O custo a ser pago envolve todos os sujeitos da sociedade e, como mencionado acima, inclusive o próprio homem. Crianças crescem sendo doutrinadas sobre a forma como devem se comportar: aos meninos, a castração dos sentimentos pela busca do

controle do lar; às meninas, a submissão ao homem pela busca de continuar multiplicando “famílias perfeitas”.

Ao nos omitirmos e silenciarmos nosso projeto de dizer estamos contribuindo para que o sistema patriarcal continue avançando com suas formas mais desumanas e cruéis. Quando nos omitimos e silenciamos nosso projeto de dizer, estamos permitindo que as crianças continuem sendo influenciadas por vozes excludentes.

Com vistas a oportunizar momentos nos quais os pequenos sejam capazes de refletir acerca das questões de gênero e a forma como o mundo está organizado pelos padrões patriarcais, os autores Michaël Escoffier e Roland Garrigue constituíram elementos verbais e visuais emancipatórios na obra *Princesa Kevin*, ou seja, enunciados produzidos com vistas a ampliar visões de mundo acerca da temática dos gêneros. Desta forma, sigamos com análises acerca do projeto de dizer dos autores.

## UM COTEJO DOS ENUNCIADOS VERBAIS E VISUAIS NA OBRA

Antes de iniciarmos as análises dos enunciados verbais e visuais presentes na obra selecionada, julgo ser importante contextualizar brevemente o autor e ilustrador Michaël Escoffier e Roland Garrigue.

Michaël Escoffier nasceu em 1970 e, atualmente, vive na cidade francesa Lyon com sua família. Iniciou a carreira de publicação de livros em 2006 e hoje possui mais de oitenta livros publicados, muitos traduzidos para diversas línguas.

Roland Garrigue vive em Paris, França, e desde criança cultiva o encanto por desenhar. Roland ama criar universos fantásticos, situações surreais e povoar seus livros com todos os tipos de personagens: monstros, vampiros, bruxas, piratas, aliens etc. Além da ilustração, sua paixão é viajar e conhecer diferentes países, assim ele espera que suas histórias sejam capazes de transportar os leitores para lugares igualmente fascinantes.

A seguir, passemos para as informações iniciais acerca do suporte, elementos paratextuais da obra e sua narrativa.

*Princesa Kevin* apresenta o formato predominantemente vertical, medindo 27.6cm x 21.5cm, e possui 32 páginas. Sua encadernação é feita em brochura com a capa e quarta capa em papel de espessura mais grossa do que as demais folhas. Na página de identificação catalográfica, obtemos a informação acerca da impressão em padrão ofsete sobre papel de Alta Alvura. A lombada contém informações que retomam o nome da obra, autores e editora - Companhia das Letrinhas. O miolo do livro possui guarda inicial, guarda final, folha de rosto, ficha catalográfica e apêndice contendo informações sobre os autores – autor dos enunciados verbais e autor dos enunciados visuais.

As sutilezas presentes na capa e a quarta capa da obra são as primeiras impressões e contato do leitor com a narrativa:

**Figura 01** – Capa e Quarta Capa do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Em grande foco, no centro da página, encontramos a figura de um menino usando um longo vestido de princesa na cor rosa; em seus pés, notamos sapatos de salto alto que seguem o mesmo tom de seu vestido; e, na cabeça, não poderia lhe faltar uma bela coroa. Em volta de sua imagem, há uma delicada moldura remetendo a antigos

espelhos de castelos. Após tal contato visual, alguns questionamentos podem inquietar o leitor: Quem seria o garoto? Por que está vestido desta forma?

Ao buscar por mais elementos que possam solucionar a perguntas formuladas, o leitor poderá subir o olhar e se deparar com o enunciado visual/título “Princesa Kevin”, a leveza de sua forma gráfica acompanha os detalhes representados nas vestes do menino e na moldura que o cerca. Logo, podemos, por meio da estratégia da inferência, descobrir que a criança captada por nossos olhares se chama Kevin. Um dos questionamentos expostos inicialmente está solucionado. No entanto, ainda nos resta procurar indícios capazes de trazer respostas ao próximo questionamento: Por que Kevin está vestido de princesa?

Uma vez que os demais elementos da capa não conseguem nos ajudar a responder tal dúvida, seguimos nossa leitura e viramos o livro para analisar a quarta capa. O tom rosa pink presente no fundo da capa é atenuado. Agora, avistamos um fundo completamente branco, interrompido apenas pelos enunciados verbais escritos em rosa pink e pelo enunciado visual: um dinossauro de brinquedo.

Assim como a capa surpreende o leitor ao trazer a imagem de Kevin vestido de princesa, o brinquedo a nossa frente também rompe com paradigmas da sociedade, pois este que é considerado como um “brinquedo para meninos” apresenta um traço de feminilidade, um laço rosa pink amarrado em volta de seu pescoço. Com tais imagens formadas em nossa mente, seguimos para a leitura dos enunciados verbais e, deste modo, compreendemos a situação narrativa: Kevin está indo para o dia de fantasia da escola!

Neste momento, diversos leitores podem ficar paralisados pelo receio do que poderá acontecer com nosso personagem ao chegar à escola fantasiado de princesa, já que a sociedade estabelece as áreas dos gêneros masculino e feminino. Saffioti (1987, p.08) esclarece acerca desse papel social atribuído aos diferentes sexos: “A sociedade delimita com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem<sup>3</sup>”.

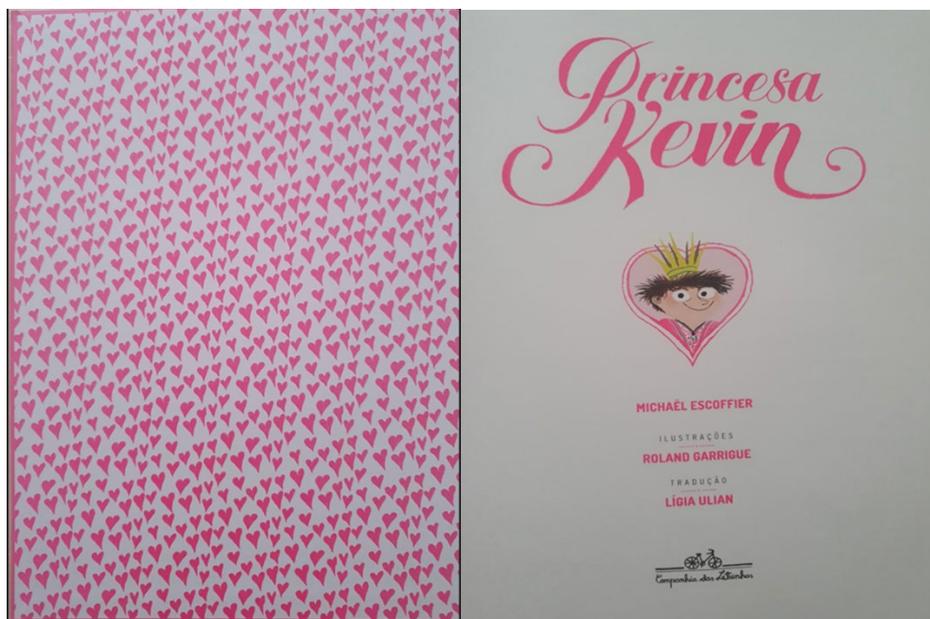
---

<sup>3</sup> Destaques da autora.

Dentro dos padrões sociais estabelecidos, ser/vestir-se de princesa é papel confiado às meninas, pois estas precisam ser delicadas, frágeis e esperar pelo príncipe que venha para salvá-las. Os meninos precisam representar e se fantasiar de figuras fortes, seguras de si e capazes de salvar damas em apuros, assim as fantasias que lhes competem a servir tais papéis são cavaleiros e heróis.

Em busca de sanar as curiosidades acerca dos acontecimentos narrativos, leitores abrem o livro e partem para a leitura das páginas denominadas por guarda inicial e folha de rosto:

**Figura 02** – Guarda inicial e folha de rosto do livro *Princesa Kevin*.



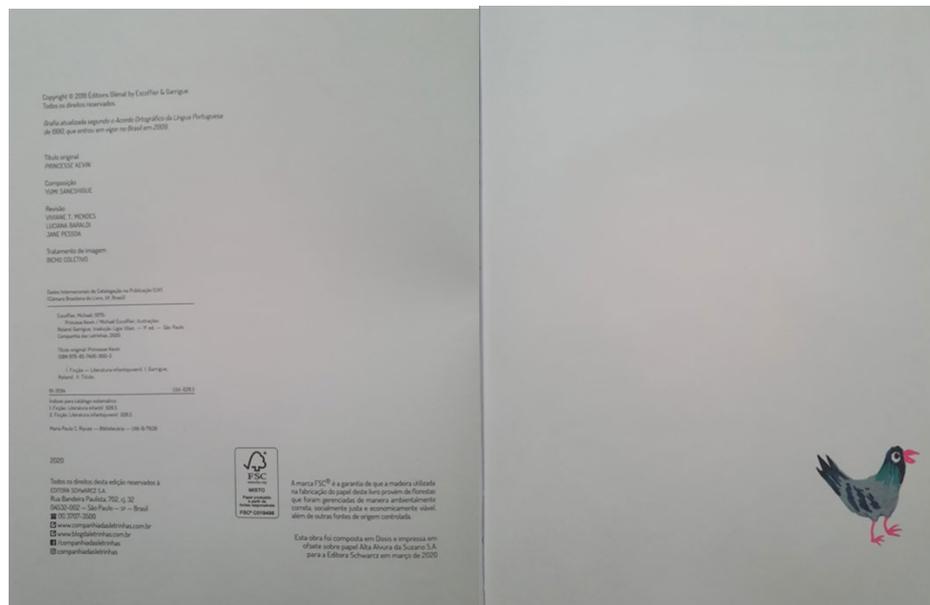
**Fonte:** Escoffier, 2020.

Em tais paratextos, encontramos elementos visuais capazes de adicionar significação aos fatos narrados anteriormente: a cor rosa pink permanece em destaque, corações preenchem a guarda inicial, o rosto de Kevin é focalizado e emoldurado por um coração na folha de rosto. Logo, somos preparados a embarcar na atmosfera do livro que, pelo que tudo indica, será repleta de delicadeza. Com relação a tais características paratextuais, Almeida (2016, p.44-45) declara que

[...] frequentemente os elementos paratextuais constituem parte da narrativa, seja comunicando informações essenciais para sua compreensão, seja contradizendo a narrativa principal, produzindo, assim, novas combinações. Desse modo, compõem a totalidade estética do livro ilustrado, interferindo na relação do leitor com a obra”.

Ao continuarmos virando as páginas, somos apresentados à folha com as informações catalográficas do livro e, ao lado, uma folha em branco contendo apenas em sua margem inferior direita um pássaro. Este apresenta detalhes do mesmo tom cor de rosa já experienciado anteriormente e se posiciona com o bico aberto, como o de quem está “contando” algo.

**Figura 03** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Dando seguimento à narrativa, as páginas 06 e 07 – figura 04 – apresentam nosso personagem de forma bastante clara, os enunciados verbais explicitam: “Kevin é uma princesa”. Embora a presença da mão adulta na margem superior direita tente convencer o pequeno a se fantasiar de forma diferente – podemos perceber a existência de diversas roupas já oferecidas e jogadas ao chão – Kevin permanece irredutível.





**Figura 04** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



Fonte: Escoffier, 2020.

Sua vontade não será violada e, com a ajuda de uma pequena cúmplice – sua irmã, ele realiza sua fantasia. Ao observar sua bela imagem refletida no espelho, Kevin sorri com leveza e satisfação.

**Figura 05** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



Fonte: Escoffier, 2020.

Entretanto, nem todas as crianças conseguirão olhar para Kevin e compreender seus pensamentos e concepções: “Para começar quem foi que decretou que só as meninas podem se vestir de princesas?” (p.11). Durante o caminho até a escola, percebemos os olhares de julgamento e espanto aparecendo na expressão dos pequenos. Estes já foram contaminados pelas ideologias de gênero propagadas.

**Figura 06** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Apesar dos enunciados visuais presentes nas páginas 12 e 13 – figura 07 – apresentarem meninas fantasiadas com trajes emancipatórios (policia e super-heroína), Kevin é o único dos meninos a romper os padrões sociais estabelecidos, os demais repetem as fantasias costumeiras “de meninos”. É, também, neste momento narrativo que presenciamos o personagem principal enfrentar um dilema: Kevin, como toda princesa, gostaria de estar acompanhado de um cavaleiro.

Embora o posicionamento “princesa em busca de um cavaleiro” seja bastante reducionista em relação ao estabelecimento de um mundo igualitário entre homens e mulheres, uma vez que o papel da mulher na sociedade é, ainda, banalizado pela imagem de indivíduo frágil e necessitado da força masculina que lhe salve e traga completude para o “felizes para sempre”; o autor faz questão de demarcar, por meio dos enunciados verbais

“Porque uma princesa sem um cavaleiro é como... como um cavaleiro sem uma princesa” (p.12), a situação igualitária entre ambos. Em outras palavras, a completude é vista como fator recíproco: “cavaleiro” e “princesa” juntam-se a fim de estabelecerem uma relação de troca horizontal, sem reforçar as concepções verticais de submissão.

As próximas páginas – 14 e 15 (figura 08) – demonstram a reprovação dos colegas vestidos de cavaleiros: “Eles devem achar que é contagioso, que se encostarem em Kevin também vão se transformar em princesas. Que bobões!” (p.15).

**Figura 07** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

**Figura 08** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



Fonte: Escoffier, 2020.

O emprego do termo “contagioso”, escolhido pelo autor para se referir ao repúdio das outras crianças em brincar com a princesa Kevin, retoma o preconceito social advindo da ignorância e discursos de ódio. Propaga-se, erroneamente, uma condição de doença aos sujeitos, um possível contágio e a possibilidade de condição a ser revertida – a “cura” para pessoas homossexuais. Sabemos da existência de situações nas quais a ignorância e preconceito atingem graus de extremismo, países como Arábia Saudita, Brunei, Iêmen, Irã, Mauritânia, Nigéria, Afeganistão, Catar, Emirados Árabes Unidos, Paquistão e Somália utilizam leis que regulamentam a homossexualidade como crime, sendo chamado de “crime antinatural”, "sodomia" ou "atos homossexuais"<sup>4</sup> a depender do país. Ademais, nos últimos cinco países mencionados acima - Afeganistão, Catar, Emirados Árabes Unidos, Paquistão e Somália – a pena para o “crime” cometido pode levar à morte, utilizando força, decapitação ou apedrejamento.

Trazendo a discussão para o território nacional, embora o Brasil não esteja incluso nas listas acima, os dados apresentados pelo dossiê de 2022 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) revelam que desde o ano de 2016 o país tem retrocedido na busca por direitos de pessoas trans. Dados ainda mais alarmantes

<sup>4</sup> Fonte utilizada para pesquisa: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64252532>

presentes no documento reportam que o Brasil lidera novamente o ranking de país com mais assassinatos de pessoas trans no mundo.

Retomando à narrativa, ao passo que avançamos, percebemos que a frustração de Kevin não dura muito, ao ver sua amiga Chloé fantasiada, o pequeno cai na risada:

**Figura 09** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Conforme já destacado nas páginas 12 e 13 – figura 07 – o enunciado verbal presente na p.17 – “Foi o pai dela que fez a fantasia, mas a verdade é que ele não é muito talentoso. Ele é melhor na cozinha, o pai da Chloé.” – ratifica a posição do autor acerca das quebras de paradigmas de um mundo repleto pelo sexismo no qual as mulheres devem ser boas com afazeres manuais e culinários, enquanto os homens podem descansar e assistir televisão após um dia cansativo de trabalho fora de casa.

O momento seguinte – figura 10 – traz marcas de esperança, um lugar melhor para se habitar. Ao colocar em cena meninos correndo juntos de mãos dadas e uma garotinha vestida de pirata equilibrando uma bola em seus pés, podemos apreciar singelos gestos de um mundo que rompe com os sexismos impostos e tira a liberdade das crianças

vivenciarem e experimentarem momentos sem a imposição dos olhares contaminados de preconceitos e julgamentos.

**Figura 10** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Os dois amigos seguem juntos pela escola, figura 11, e, neste momento, observamos os primeiros indícios de insatisfação de Kevin com sua fantasia: a junção dos enunciados verbais com a expressão facial de dor no rosto da criança revelam o quão torturante está sendo encarar o dia usando os sapatos de salto. Ao passo que os alunos se encaminham para a entrada do espetáculo, presenciamos pela primeira vez a imagem completa de um adulto. Anteriormente – figuras 04 e 06 – os adultos haviam sido representados apenas com as mãos aparecendo, assim, é uma grata surpresa que a figura feminina parada em frente a porta – provavelmente a professora da turma – surja sem carregar qualquer tipo de espanto ou reprovação quanto a fantasia de Kevin. A possível professora da turma representa as vozes que buscam a dialogia no mundo, sua preocupação não é a “quebra dos valores patriarcais”, mas sim, o barulho feito pelos pequenos.

**Figura 11** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Dentro do auditório, no momento da apresentação, Kevin chega ao ápice de insatisfação com o fato de ser uma princesa: o vestido longo atrapalha seus movimentos e se não fosse pela ajuda de Chlóa teria caído no chão, além do mais, a maquiagem em seu rosto faz com que seus olhos ardam e lacrimejem. Os dois adultos em palco – a mesma figura feminina da página anterior e a figura masculina fantasiada de flor com o violão nos braços – são ilustrados com a boca aberta de espanto, porém o espanto retratado é a expressão de preocupação com a possível queda de Kevin. Deste modo, reafirma-se a postura acolhedora dos dois possíveis professores com relação a escolha de fantasia de Kevin.



**Figura 12** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Encaminhados para o momento final, após o registro em foto da turminha, a passagem destaca nosso personagem principal saindo de cena. Com a fisionomia brava, braços enrijecidos e passos determinados, Kevin se afasta dos demais:

**Figura 13** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Finalmente, e com ajuda novamente de Chlôe, ele consegue se livrar da fantasia de princesa. Dessa vez, as palavras da amiga – “Calma, vou te ajudar. Você ainda tem um montão de coisas para aprender se quiser se tornar uma princesa de verdade!” (p.26) – causam espanto ao garoto.

**Figura 14** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

E, na página seguinte, nos deparamos com o vestido de princesa sendo aposentado em uma caixa junto às demais fantasias, provavelmente usadas em anos anteriores. O enunciado verbal que expressa a contrapalavra de Kevin ao enunciado da amiga “- Ah não, ser uma princesa é realmente muito complicado! Da próxima vez vou me fantasiar de...” terá sua completude por meio dos enunciados verbais e visuais na página ao lado.



**Figura 15** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



**Fonte:** Escoffier, 2020.

Nesta nova página, vislumbramos uma nova fantasia presente na imaginação do garoto: “... sereia!” (p.29). A narrativa se completa trazendo a imagem emoldurada de Kevin vestido de sereia em um belo pulo sobre as águas!

Antes de fecharmos o livro e nos dispormos de momentos para refletir acerca da obra, encontramos uma página com informações sobre o autor e ilustrador seguida pela guarda final, esta segue igualmente o padrão de corações em rosa pink expostos na guarda inicial – figura 02.

**Figura 16** – Imagem do livro *Princesa Kevin*.



Fonte: Escoffier, 2020.

## CONCLUSÃO

Com base nas reflexões suscitadas pelos estudiosos da linguagem e questões sobre gênero abordadas em Butler e Saffioti, busquei estabelecer um caminho dialógico com os enunciados verbais e visuais presentes no livro *Princesa Kevin*.

Durante o movimento da história, somos direcionados a observar o mundo, os padrões sociais estabelecidos e o sistema patriarcal imposto através dos olhos de uma criança que, embora ainda carregue a inocência, consegue sentir o peso da dominação dos corpos. Kevin nos leva a percorrer o dia da fantasia e repensar quais os valores significativos na construção narrativa social que temos estabelecido nas relações humanas.

A célebre frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” permeia a construção do imaginário no qual o machismo se estabelece como uma ferramenta do patriarcado e permite ao homem branco cisgênero carregar socialmente signos de poder que lhe permitam determinar regras e formas de narrar o mundo, dominando e se apropriando dos corpos femininos de forma violenta e desumana.

Uma sociedade na qual as mulheres, ao acordarem, não possam ter a segurança de afirmar “Eu não serei estropada”, carrega em si o signo da violência patriarcal opressiva. É preciso agir no mundo, buscar maneiras de transformar as narrativas que estão sendo contadas sobre os corpos. Espero, assim, que a leitura deste artigo e o contato com a obra literária *Princesa Kevin* tenha nos aproximado da possibilidade emancipatória e de humanização presente na linguagem e nas diferentes manifestações de arte. Que o desejo pela justiça entre gêneros e pelos signos de liberdade possam permear nossas relações de alteridade e se manifestarem em nossos projetos de dizer.

KONDO, Letícia; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões *Princesa Kevin: a literary reading in dialogue with gender issues*. *EDUCAÇÃO EM REVISTA*, v. 24, Fluxo Contínuo, 2023, e023013. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2023.v24.e023013>.

**Abstract:** Children's literature is capable of revealing worlds to little ones and putting them in contact with the most profoundly human. Recognizing the value of verbal and visual statements present in literary works and promoting spaces in that reading can be a true meeting of voices, promoting the plurality of subjects, is essential for emancipatory education, the one concerned with the formation of men and women capable of overcoming patterns of subjection. Thus, this text seeks to establish a dialogue between gender issues, the way the world is organized by patriarchal standards, and the illustrated literary work *Princess Kevin*. For this purpose, categories of the philosophy of language proposed by the Russians Bakhtin and Volóchinov were retrieved in order to theoretically support the field of dialogology.

**Keywords:** Emancipating education. Gender. Dialogology.

## REFERÊNCIAS

Almeida, Tatyane de Andrade. *Leituras do livro infantil ilustrado: a mediação inerente a livros premiados pela FNLIJ na categoria Criança*. 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

EDUCAÇÃO EM REVISTA, v. 24, 2023. Fluxo Contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2023.v24.e023013>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Andruetto, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Carmen Cacciacarro (trad.). São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

Bakhtin, M. *Estética da Criação Verbal*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Butler, Judith. *Discurso de ódio [recurso eletrônico]: uma política do performativo*; traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo : Editora Unesp Digital, 2021.

Escoffier, Michael. *Princesa Kevin*. Ilustrações: Roland Garrigue; tradução: Lígia Ulian. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2020.

Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (org.). *Palavras e Contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

Saffioti, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

Volóchinov, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

Recebido em: 01/05/2023.

Aprovado em: 06/07/2023.

EDUCAÇÃO EM REVISTA, v. 24, 2023. Fluxo Contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2023.v24.e023013>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License